



Até QUANDO?

A batalha de uma mãe de 63 anos para encontrar a filha desaparecida

GIOVANNA CHINELLATO

“O assunto não é nada agradável. Eu sei que não. É uma coisa... pesada. Ninguém gosta de ficar ouvindo sofrimento.” Lenore Xavier de Souza precisa de um cigarro. E depois, de outro, e outro. Precisa então secar os olhos com a palma da mão, e pausar entre as palavras, e ajeitar o cabelo. Mas, apesar da dor, e do assunto pesado, ela faz questão de contar a história da filha. “Porque eu preciso de ajuda. Sem ajuda, não tem como encontrá-la.”

Joana Xavier de Souza Lisboa desapareceu em 13 de março de 2011, no norte de Florianópolis - SC. Desde então, Lenore, uma senhora de 63 anos, já varreu toda a cidade de ônibus, procurando, levando fotos e distribuindo panfletos. Passou tardes inteiras subindo e descendo morros a pé, abordando as pessoas na rua, buscando em casas de passagem. “Eu e meu filho Tomaz, o meu braço direito. A gente perguntava em todos os lugares. Se diziam que tinham visto uma pessoa parecida andando na praia, a gente ia na praia e perguntava em todos os botecos. Virei detetive.”

Lenore mora com Tomaz, que é o filho mais novo de quatro, e a cachorra Catarina, a quem também chama de filha. É professora, gaúcha de Porto Alegre, divorciada de um jornalista de economia. Já deu aula para todas as idades de criança. Em Florianópolis, trabalhava como auxiliar de sala na Educação Infantil, num colégio da prefeitura, mas não conseguiu voltar a trabalhar depois do desaparecimento de Joana. “Tentei trabalhar de novo umas duas ou três vezes, mas não consigo. É mais pelas crianças, tu não pode estar triste perto de uma criança, elas são como uma esponja dos sentimentos da gente.”

O colégio entendeu e aceitou a situação de Lenore. Mas depois de

três licenças e dois anos e oito meses de afastamento, ela corre riscos de ser exonerada. A alternativa para não precisar voltar ao trabalho foi tentar a aposentadoria por idade; agora, ela está só esperando o resultado do pedido. “Eu ainda quero trabalhar, com outra coisa talvez. Mas só depois que eu encontrar a Joana.”

Ela se envergonha de não conseguir sequer mexer no jardim ou arrumar a casa. A grama está alta, já invadiu os azulejos do quintal e passou as frestas do portão. A cozinha tem louças na pia, algumas garrafas vazias de cerveja e uma geladeira com o pé quebrado. A sala tem uma TV e um computador sempre ligados, com um copo de cinzas e bitucas na mesa de centro - Tomaz esconde todos os cinzeiros porque não gosta que a mãe fume, hábito que ela só retomou depois do desaparecimento da filha.

Diagnosticada com depressão e síndrome do pânico, Lenore não sai de casa sozinha e fica o dia todo, todos os dias, procurando a Joana. “É a única coisa que eu ainda faço. Se não estou procurando fisicamente, estou ligando para a polícia, estou divulgando no Facebook. É a primeira coisa em que eu penso quando acordo e a última em que penso quando vou dormir. Eu levanto com esperança e deito desanimada.” E é dessa esperança que ela consegue forças para contar sua saga.

Em 2011, Joana, com 33 anos, foi internada na pensão protegida Horizonte Aberto para se tratar de uma depressão. O lugar tem enfermeiros, cuidadores e até cachorro. Lenore visitava a filha no mínimo três vezes por semana. Sempre que chegava, encontrava Joana sentada numa rede, sozinha, não conversava muito com os outros. Foi na rede que viu a filha pela última vez, na quarta-feira, nove de

março. No sábado, chovia muito e não conseguiu carona, a outra filha, que tem carro, estava levando o filho numa festinha. Decidiu deixar para o dia seguinte.

No domingo, quando ligou para avisar que estava indo, veio a notícia. “Ah, mas a Joana fugiu!”

Uma enfermeira foi levar o café da manhã e encontrou o quarto vazio. Não ligaram para avisar a mãe, nem o pai - que custeava o tratamento. Foi a terceira vez que Joana fugiu da pensão. Na primeira, foi levada de volta por um enfermeiro. Na segunda, a mãe encontrou em um ônibus. Mas dessa vez, apesar de começar a procurar na mesma hora, Lenore estava no lugar errado - ficou no mesmo bairro, Canasvieiras, e a filha foi vista em Jurerê, há nove quilômetros dali.

Lenore voltou para casa só as duas da madrugada. Pensava em tudo, se a filha não tinha morrido, se não deram remédios demais e esconderam o corpo. Todos os pertences e documentos de Joana ficaram no quarto. Lenore não comeu nada, não dormiu. Não chorou. “A sensação não é de choro. É como se tivessem me dado um choque. Eu só chorei dez dias depois. E daí desabei, aí comecei a me desesperar, comecei a perder.”

Sete dias depois do desaparecimento, uma policial decidiu investigar por conta própria. Foi a soldado Aparecida que conseguiu a primeira pista. Uma família de Jurerê Internacional registrou num BO que uma moça ruiva lhes pedira água e lugar para ficar na tarde do mesmo domingo que Joana fugiu. Disseram que aquilo não era uma pousada, mas a moça não saiu da frente da casa - ficou parada por horas, olhando para uma igreja do outro lado da rua. Vestia uma blusa de verão

branca, uma calça jeans e chinelo branco. A polícia não foi até o local da ocorrência: ficar parado não é crime e o desaparecimento tinha sido registrado em outra delegacia.

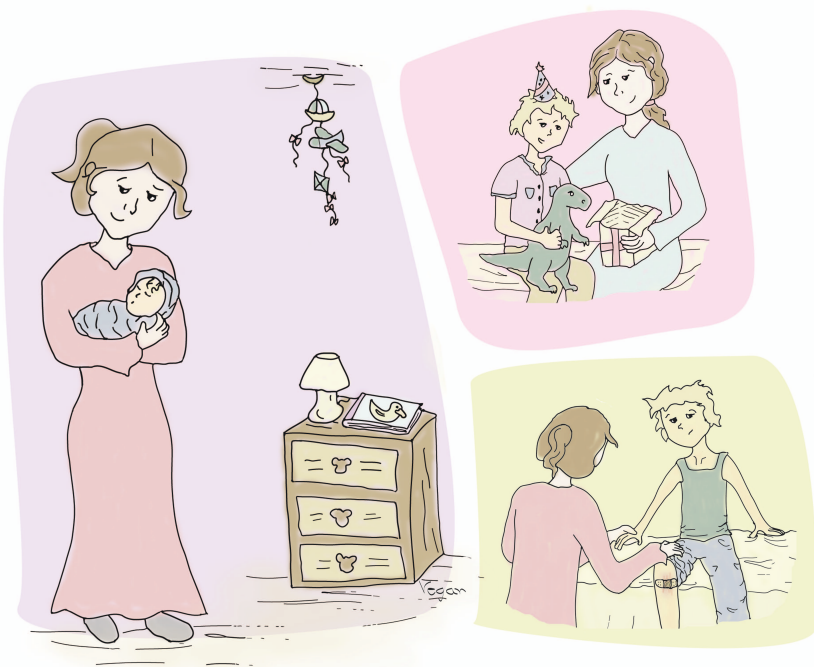
Não existe um sistema integrado que repasse as fotos e informações de desaparecidos para as demais delegacias de uma região. Existe, na verdade, um sistema já implantado que faz algo parecido em nível nacional - mas não com pessoas. O ALERTA de furto e roubo de veículos está presente em 90% dos postos da Polícia Rodoviária Federal. Imediatamente após o comunicado de roubo, que pode ser feito via internet ou telefone, todos os dados de um veículo são repassados via satélite aos postos e viaturas da PRF, onde ficam em destaque por 72h decorridas da ocorrência.

O período de 72h é considerado crítico para recuperação de um veículo antes de ser exportado ou desmantelado. Passado esse prazo, o registro de furto ou roubo fica não só no banco de dados do ALERTA, como também no sistema RENAVAM, o cadastro nacional de veículos.

Para pessoas desaparecidas, existe também um cadastro nacional, mas que não funciona na prática. Criado por lei em 2009, o Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos teve a versão final colocada online no início de 2013. Mas o sistema, que registra apenas menores de idade, tem 330 casos cadastrados em 17 estados. Pela última estimativa do Ministério Público Federal, de 1999, os números reais, passam de 40 mil crianças desaparecidas por ano no Brasil, e 10 a 15% delas nunca voltará para casa. Incluindo as outras faixa etárias, são mais de 200 mil desaparecimentos ao ano.

A falha no Cadastro Nacional acontece por falta de um sistema automatizado e integrado às





delegacias, postos policiais e secretarias de segurança. Um BO por desaparecimento não garante registro no Cadastro Nacional. Na verdade, o responsável pelo cadastro não é necessariamente um policial, qualquer pessoa pode acessar o site e registrar um caso de desaparecimento, sendo ou não da família, com ou sem BO. Assim, o sistema que era para ter no mínimo 4 mil registros no primeiro ano, tem apenas 330.

No momento em que soube do BO encontrado pela soldado Aparecida, Lenore foi para Jurerê. Mesmo passada uma semana, algumas pessoas lembravam de ver Joana no domingo anterior. Um pedreiro estranhou uma moça pedindo carona sozinha, encharcada, debaixo de chuva. A dona de um bar, gaúcha como Lenore, disse que Joana ficou parada na frente do lugar quase a tarde toda e que pegou carona num carro prata, dirigido por uma mulher. Mas para uma mãe em desespero, o medo não faz muita distinção, “mulher, homem, a essa altura... mas pelo menos não era homem. Meu medo é que ela estava doente. Depressão é uma doença. Ela estava muito desorientada.”

Por meses Lenore voltou frequentemente para Jurerê. Levava a última foto que tinha tirado de Joana, numa reunião de família em janeiro. “Ela estava tão magrinha por causa da depressão... Bem diferente do que ela era antes. Imprimi cinco mil folders com essa foto. Por muitos meses eu colocava cartaz ali no mercado Imperatriz de Jurerê. Agora não pode mais... pôr cartaz...”

Passado um ano do desaparecimento, Lenore conheceu

a costureira Marta Fidelis de Oliveira, que ajuda moradores de rua do bairro em que Joana desapareceu, Canasvieiras. Marta reconheceu Joana pela foto e confirmou que ela esteve lá, comeu, tomou banho e ganhou roupas novas. Não sabe precisar a data, lembra só que era verão e que recebeu vários andarilhos naquele dia, mas Joana chamou a atenção pelo comportamento educado e quieto.

“Depois disso, fui para milhões de lugares. Mas é muita pista falsa.” Lenore lembra que por dez dias foi procurar durante a noite no bairro Kobrasol, do município vizinho a Florianópolis, São José. Uma vendedora de uma loja da região disse que tinha visto Joana dormindo na avenida, debaixo de uma escada. Lenore caminhava por horas no canteiro do meio da avenida, mas nunca aparecia ninguém.

Cada vez que o caso repercutia na televisão, era uma chuva de telefonemas. Foi assim que Lenore gastou todo seu dinheiro, todos seus empréstimos, e viajou para várias cidades do estado. Já fez várias rondas em hospitais, IMLs e casas de passagem. Acompanhou grupos de apoio a moradores de rua e subiu todos os morros onde existe venda de drogas. “Uma vez vi uma reportagem sobre crack e tinha uma moça dando depoimento com o rosto borrado. Eu enfiei na cabeça que era a Joana, a moça tava magrinha do jeitinho da Joana quando desapareceu. Mas não era ela, nunca era ela.”

Depois de mais de um ano de pistas falsas, procurando sozinha, Lenore conheceu o Portal Esperança, uma ONG de Florianópolis que presta auxílio às famílias de desaparecidos. Através da ONG, Lenore participou

por meses do quadro Desaparecidos, gravado no Centro da cidade, em que os familiares e voluntários do Portal levam fotos e cartazes para serem exibidos às terças-feiras por alguns minutos no telejornal local da emissora RBS.

Largo da Alfândega, Centro de Florianópolis, terça-feira. O grupo é formado principalmente por mães, mas alguns pais e irmãos estão na roda. Todos vestem camisetas com fotos dos familiares desaparecidos. As mulheres estão falando de compras, das amigas – de temas felizes, com rostos tristes. A tensão aumenta quando chegam as câmeras e a repórter com o microfone. Lenore não aparece. Há meses não frequenta mais o quadro. Uma mãe diz que entende. “Ela não está bem. Depois de muito tempo nisso, se a gente não se cuida, a gente se perde, a cabeça não fica boa.”

O presidente do Portal Esperança, Gerson Rumayor, chega e abraça um por um. Tem vários cartazes debaixo do braço, mas logo conta o número de pessoas e percebe que não são suficientes, separa os que não apareceram no quadro da semana anterior e começa a distribuí-los. Antes de terminar a tarefa, é abordado por uma senhora com o rosto vermelho e inchado de tanto chorar: “Minha filhinha sumiu”.

Seu nome é Kátia, tem a pele marcada pelo sol e pela idade, veste roupas largas demais para o corpo magro e tem um chinelo de dedo velho nos pés. Segura perto do peito, com as duas mãos, uma foto 3x4. Demora a encontrar as palavras. Maria Júlia, de 11 anos, desapareceu de um abrigo cinco dias atrás. A foto 3x4 é a única que tem. Entre soluços e tremores, sobe com a minúscula foto até os lábios, como se a beijasse, e espera, andando de um lado para o outro, começar a gravação do quadro.

L. também está ali pela primeira vez. É um homem de meia idade, usa óculos redondos e camisa xadrez para dentro da calça jeans. Procura o filho desaparecido em 2010 aos 24 anos. “Na verdade, eu sei que ele está morto. Não sei o que fizeram com o corpo, se explodiram, se queimaram. Eu só quero poder enterrá-lo.” O jovem, que consumia drogas, foi tirado de casa de madrugada e emboscado pelo melhor amigo, que tinha dívidas com traficantes. L., vegetariano que sequer fala palavrão, sofre ameaças constantes por continuar procurando – encontrado um corpo, o desaparecimento vira homicídio e

passa a ser investigado como crime.

Gerson posiciona o grupo e a repórter conversa rápido com os novos membros. Passam alguns minutos de espera e o cinegrafista dá o sinal. Kátia ainda está com a foto 3x4 nos lábios e treme do queixo às pernas na hora de falar. L. e uma jovem que procura a irmã também fazem seus apelos e a câmera começa a deslizar pelos cartazes. A repórter fica fora da imagem, passando os telefones de contato da polícia e emergências.

Um grupo de turistas está tirando fotos sorridentes perto do grupo, no chafariz histórico da cidade. O que está com a câmera grita e gesticula para os outros se enquadrarem melhor. Um flash, dois flashes. Invertem posições, riem das caras com que saíram, se ajeitam de novo. Gerson tenta pedir silêncio, mas os turistas não escutam – ou fingem não escutar. A gravação do quadro termina, as mães, sem exceção, estão chorando e se abraçando com força. Os turistas continuam gritando e rindo.

“É esse o problema.” Gerson perde o olhar no chafariz enquanto guarda os cartazes. “As pessoas não respeitam nada. Fazer uma boa ação, que era para ser o normal, está virando exceção a ponto de chamar atenção. Eu agradeço quando um carro pára para eu atravessar na faixa, mas não era para eu agradecer, era para isso ser normal. Os valores estão invertidos.”

Gerson começou a trabalhar com desaparecidos em 1996, quando era editor de uma revista e separava fotos para publicação. Criou o Portal da Esperança em 1999, e oficializou o cadastro como ONG em 2005. No começo, o objetivo do Portal era educar as crianças e prevenir desaparecimentos e fugas. Nos primeiros anos, Gerson deu mais de 800 palestras em colégios, distribuindo cartilhas e complementando uma educação que muitas vezes é falha nas famílias.

Até hoje, ele batalha para inclusão do tema nas grades curriculares. Mas as ações nos colégios foram pausadas por conta da demanda das famílias de desaparecidos. Agora, o Portal tem atuado principalmente na divulgação de fotos em lugares públicos, eventos e parceria com órgãos públicos. Lenore foi bastante presente nas ações do portal em 2012 e apesar de não conviver com ela no dia a dia, Gerson admira sua persistência: “Ela é uma batalhadora, faz mais de dois anos e ela não desiste.”

Mesmo enquanto acompanhava a ONG, Lenore continuava procurando por conta própria. As pistas falsas nunca pararam de chegar. Uma mulher ligou certa vez dizendo que estava com Joana em casa. A polícia foi acionada e retornou para Lenore dizendo que era uma pessoa com documentos que não tinha nada a ver com Joana. Em outra vez, foi divulgado pela televisão que Joana tinha sido encontrada morta. A mãe foi desesperada para o IML, não era.

“Chega um ponto que não tem mais onde procurar. E a gente perde muito tempo com pista falsa e se afasta das pistas reais. Quando esgotam os lugares, só sobra a mídia e a internet.” Lenore tem um blog e dois perfis no Facebook dedicados à Joana. São dois porque um ficou bloqueado por vários dias depois que ela denunciou as dezenas de pessoas que entravam na página para debochar e fazer piadas. Diz que já teve que ouvir de tudo, desde videntes falando que ela fora sequestrada até pessoas afirmando que devia estar morta e enterrada num quintal. “E eu tenho que encarar, a realidade tá aí, né? Mas eu quero saber qual quintal, onde e de quem.”

Lenore aproveita o tema para fazer um apelo, que as pessoas compartilhem a foto de Joana. Tem esperanças de que, se encontram cachorros perdidos pela rede, podem também encontrar sua filha. Acredita que alguém, em algum lugar, deve ter visto a Joana, e espera que as fotos dela cheguem a essa pessoa. Tem orgulho de contar que o blog, apesar de parado desde o ano passado, tem vários acessos internacionais – já viu nas estatísticas do Blogspot que até do Egito visualizaram a página. Isso ajudou a conseguir outros contatos, inclusive de pessoas ligadas ao combate do tráfico de pessoas. A escritora Gloria Perez foi uma delas. A fundadora da Associação Desaparecidos do Brasil, Amanda Boldeke, foi outra.

“O tráfico de pessoas é o comércio de seres humanos para fins terríveis e é considerado o terceiro negócio mais rentável do mundo”. Amanda explica ainda que no Brasil existem 241 rotas de tráfico identificadas, e que 131 delas são internacionais. Aqui, traficar pessoas é mais rentável do que traficar drogas e armas. O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) estima que no mundo todo o negócio levante cerca de 32 bilhões de dólares por ano.

Amanda criou a Desaparecidos do Brasil depois do desaparecimento do irmão Jorge Gustavo, em 1997. Sem a facilidade da internet, teve de descobrir sozinha como contornar dificuldades que até hoje afetam as famílias. Foi então que entendeu a necessidade de criar uma rede para divulgar informações e destacar o tema. Em 2007, quando encontrou o irmão no Mato Grosso do Sul, a Desaparecidos do Brasil já tinha sido responsável por vários reencontros e histórias de sucesso.

“Nessas quase duas décadas, acompanhei dia após dia os novos dramas que foram surgindo, de mães em busca de seus filhos desaparecidos. É como uma correnteza que não pára, todos os dias novas famílias são atingidas. Elas estão a mercê de um sofrimento que não tem data nem hora para acabar.”

Mas apesar de todas as falhas no sistema nacional, Amanda cita Santa Catarina como pioneira em vários aspectos na luta pelos desaparecidos. Em 25 de outubro de 2012, foi lançado o programa SOS Desaparecidos da Polícia Militar. Formada pelo Major Marcos Roberto Claudino, e os soldados Daniel Ferreira e Natália Franzen, a SOS Desaparecidos encontrou 67 pessoas no primeiro ano de funcionamento. O programa permite que esses três policiais voluntários trabalhem exclusivamente na busca por desaparecidos e prevenção focada em crianças e adolescentes.

Major Claudino escreveu num blog sobre moradores de rua que, para ele, “o mais difícil de encarar e motivar sempre foram as mães, elas estão morrendo a ‘conta gotas’”. A incerteza do bem estar do seu filho e o tempo são torturas diárias e presentes, principalmente em datas que normalmente nos marcam pela felicidade da família reunida e por uma vida construída ao lado de quem se ama.”

Em 24 de setembro de 2013, também por esforços de um policial voluntário, dessa vez da corporação da Polícia Civil, foi implantada em Florianópolis a Delegacia de Polícia de Pessoas Desaparecidas. O delegado Wanderley Redondo encarou o desafio de investigar os 1947 casos de desaparecimento em aberto no estado. Com uma equipe formada por especialistas que pediram para trabalhar com o tema, a Delegacia funciona no segundo andar que estava ocioso do prédio da Delegacia da Mulher, da Criança e do Idoso em São José.

A primeira tarefa do delegado Wanderley é identificar os



mais de 50 corpos enterrados sem identificação pelo IML de Florianópolis no último ano. Dois deles aguardam apenas amostras de DNA para confirmar que são pessoas retratadas nos cartazes que Gerson distribui todas as terças para o quadro Desaparecidos.

Lenore esteve na cerimônia de abertura da Delegacia de Desaparecidos. Ela diz que foi ingênua em relação à polícia no começo, achava que em algum momento ia receber uma ligação de que tinham encontrado a Joana. “Eu achava que eles estavam procurando. Demorei para perceber, e entender, que eles não tinham porque procurar. Não tem nenhuma cobrança. Eles têm um monte de ocorrências para atender por dia.”

Ela sentiu o verdadeiro apoio da polícia com a criação da SOS Desaparecidos, “eles são muito solidários”, e agora deposita suas esperanças na equipe do delegado Wanderley: “Dizem que ele é muito dedicado, parece que foi até São Paulo procurar uma pessoa.”

Mas apesar da dedicação das duas corporações em Santa Catarina, o esforço não é visto em outros estados. Existem apenas outras três delegacias especializadas em desaparecidos no Brasil, as de São Paulo, Minas Gerais e Paraná (esta última atende apenas casos de crianças e adolescentes). O estado do Rio de Janeiro, depois do desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza, está em processo de implementação de uma delegacia de desaparecidos, mas não tem datas definidas.

Enquanto isso, Lenore continua atualizando a página do Facebook e batendo o cigarro na beirada de

um copo. Ela conversa diariamente com policiais e com sua rede de amigos virtuais. “Sem isso, me sinto... trancada. Eu dependo muito da ajuda das pessoas solidárias. Se a pessoa está doente, ela vai no médico, num especialista. Mas num caso assim não tem uma pessoa pra ajudar, tem que ser a população toda.”

E para Lenore, a única coisa que é tão ruim quanto a dúvida é a indiferença das pessoas. Por isso, seu maior medo é não ter mais forças para continuar procurando. “Eu já envelheci uns cem anos em dois. Tenho medo de ficar doente de verdade e morrer. Porque aí eu sei que não vai ter ninguém procurando pela Joana, ela vai estar sozinha.”

Numa sexta-feira de maio, ela faz um apelo no Facebook:

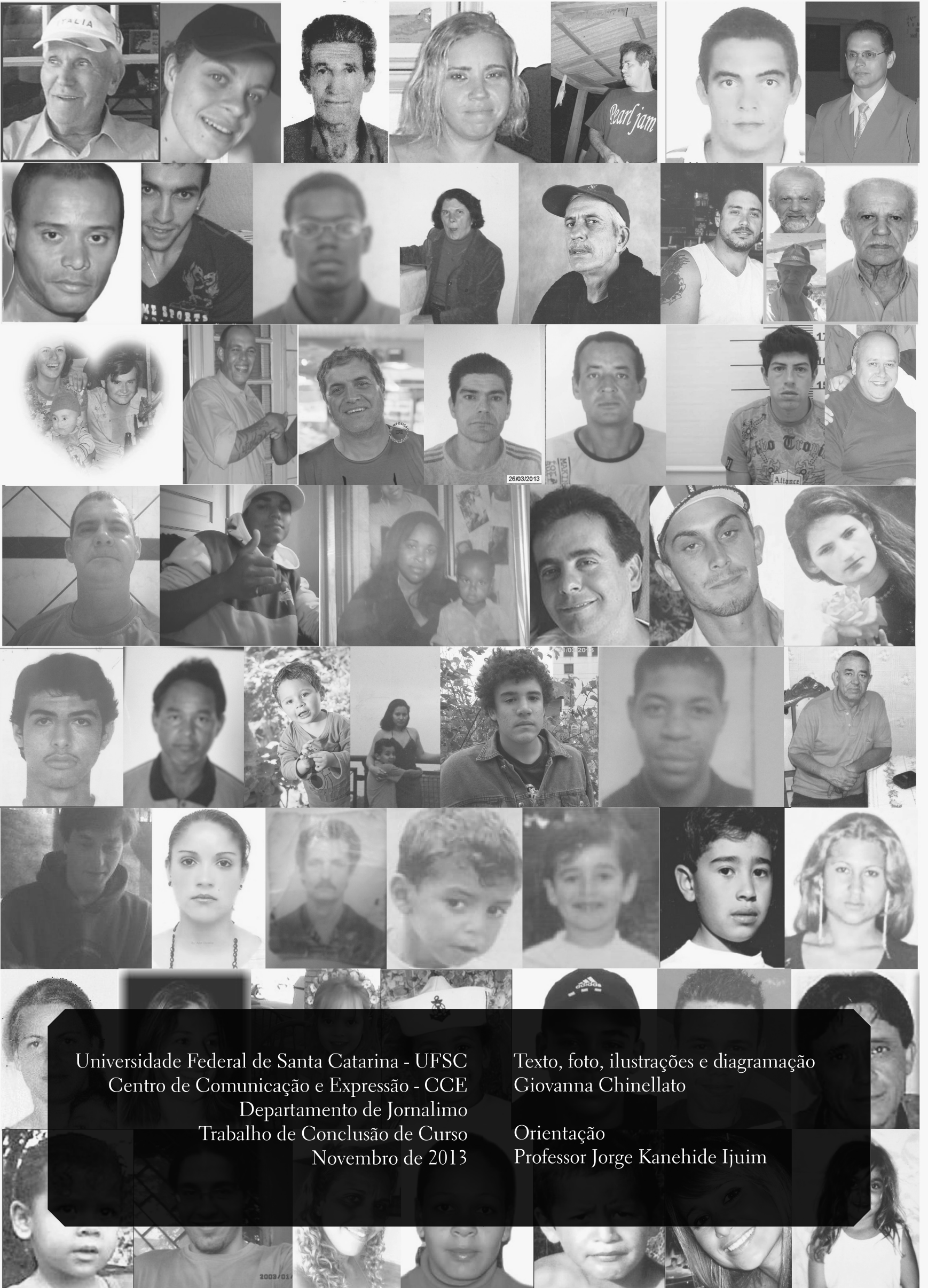
Minha amada Joana,

Saudades tua, de tuas risadas, de teu humor inteligente e perspicaz, dos papos sobre a vida, sobre o amor. Saudades de tua sensibilidade com as crianças, com os animais, de tua voz ao cantar músicas da Elis, Paulinho da Viola, do Chico, do Cazuza e tantos outros... Saudade da gente cantar juntas... Saudades de ler tuas poesias, a cada noite uma novidade.

Saudade de te esperar acordada em Porto Alegre para saber as novidades das festas, dos vestidos das amigas, de quem está namorando quem... coisas de mulher, dos segredos.

Saudades dos teus cabelos ruivos e das luzes feitas de madrugada... das chapinhas eternas ao sair... saudade de ti... saudade de ti... saudade de ti, minha filha. Do teu cheiro, tua silhueta, tua sombra, teu coração, tua vida. Onde está?

Volta, Joana!!!



Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Departamento de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Novembro de 2013

Texto, foto, ilustrações e diagramação
Giovanna Chinellato
Orientação
Professor Jorge Kanehide Ijuim